

**IX Simpósio Interdisciplinar do LaRS:
palavras e coisas**

11, 12 e 13 de maio de 2011

Auditório Rio Datacenter (RDC), PUC-Rio

Foucault e Benjamin – um encontro de materialismos

Júlia Ripoll Eizirik

IBMR

juliaeizirik@gmail.com

Artigo apresentado durante o Simpósio

IX Simpósio Interdisciplinar do LaRS: palavras e coisas

Rio de Janeiro: Departamento de Artes e Design, PUC-Rio, 2011.

ISBN: 978-85-99959-12-1

www.simposiodesign.com.br

Esta obra é protegida pela lei de direitos autorais

Em consideração aos princípios que vêm sendo adotados pelo LaRS, não há um formato padrão para os arquivos, respeitando-se as características individuais.



Departamento de Artes & Design

Título: “Foucault e Benjamin – um encontro de materialismos”

Autora: Julia Ripoll Eizirik

Resumo

O objetivo deste artigo é aproximar a arqueologia de Foucault do materialismo de Walter Benjamin. Entretanto, não buscamos uma comparação entre os autores, mas sim uma reflexão sobre o método de investigação próprio a uma filosofia materialista, que não se prende a conceitos abstratos e nem a simplificações empiristas.

Palavras-chave

Arqueologia, Materialismo, solo epistemológico, ideia.

Abstract

The objective of this article is to approximate Foucault’s archeology to Walter Benjamin’s materialism. However, we don’t search for a comparison between the authors, but for a reflection about the method of investigation proper from a materialist philosophy. This method is not fixed to abstract’s concepts neither to empiric’s simplifications.

O texto de apresentação do IX Simpósio do Laboratório da Representação Sensível remete à obra de Foucault e propõe, como tema para debate, “as relações entre palavras e coisas a partir do estudo do objeto em sua atuação como produtor de sentido”. É partindo dessa proposta que começaremos o presente texto.

Inicialmente, pode parecer que, em sua obra “As palavras e as coisas”, Foucault estabeleça uma espécie de história das relações entre palavras e coisas. Entretanto, seu objetivo não é situar cronologicamente uma série de acontecimentos para assim constituir uma linha no tempo. A pesquisa sobre as relações entre palavras e coisas conduz Foucault à descoberta de algo que ele chama de “solo epistemológico”.

Além disso, para sermos exatos, o ponto de partida de Foucault não é nenhuma relação entre palavras e coisas, mas sim o riso – o riso nele despertado pela leitura de um texto de Borges. Como veremos, esse dado será fundamental para a discussão da segunda parte do tema proposto, que é a questão do objeto. Ela será tratada aqui como uma pergunta: a pergunta pelo estatuto epistemológico dos objetos da arqueologia.

Mas, por ora, retomemos o texto de Borges. O riso de Foucault é causado pela famosa citação de “uma certa enciclopédia chinesa”, que divide os animais da seguinte forma: “a) pertencentes ao imperador, b) embalsamados, c) domesticados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães em liberdade, h) incluídos na presente classificação, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo, l) et cetera, m) que acabam de quebrar a bilha, n) que de longe parecem moscas”¹.

Segundo Foucault, rimos diante da “impossibilidade patente de pensar isso”. Mas “que coisa, pois, é impossível pensar, e de que impossibilidade se trata?”², pergunta ele. Mais adiante, responde que o impossível não é a vizinhança daqueles seres, mas sim o lugar mesmo onde eles poderiam avizinhar-se.

Assim, o que nos é furtivamente subtraído é o espaço comum onde os seres poderiam se encontrar. Em poucas palavras, é o próprio chão que a classificação chinesa faz misteriosamente submergir. Deste modo, desaparece não apenas o critério capaz de agrupar aqueles seres, mas, antes, a própria possibilidade de existência de qualquer critério.

Foucault nos remete a certos afásicos que, ao se verem diante de algumas meadas de lã colorida, espalhadas sobre uma mesa, desesperam-se por não conseguirem classificá-las. Entretanto, sua dificuldade não é estabelecer um critério para agrupá-las - tal como a cor ou o tamanho, por exemplo. O que eles não conseguem é perceber a mesa como espaço homogêneo e neutro a partir do qual algum critério de classificação possa ser formado.

Foucault pretende investigar, portanto, “em que ‘tábua’, segundo qual espaço de identidades, de similitudes, de analogias, adquirimos o hábito de distribuir tantas coisas diferentes e parecidas”³. É, então, do solo positivo a partir do qual os critérios de uma cultura podem surgir que trataremos aqui.

“Os códigos fundamentais de uma cultura – aqueles que regem sua linguagem, seus esquemas perceptivos, suas trocas, suas técnicas, seus valores, a hierarquia de suas práticas – fixam, logo de entrada, para cada homem, as ordens empíricas com as quais terá de lidar e nas quais se há de encontrar. Na outra extremidade do pensamento, teorias científicas ou interpretações de filósofos explicam por que há em geral uma ordem, a que lei geral obedece, que princípio pode justificá-la, por que razão é esta ordem estabelecida e não outra. Mas, entre essas duas regiões tão distantes, reina um domínio que, apesar de ter sobretudo um papel

¹ Foucault, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. IX.

² Idem, p. IX.

³ Idem, p. XV.

intermediário, não é menos fundamental: é mais confuso, mais obscuro e, sem dúvida, menos fácil de analisar”⁴.

O solo positivo é, portanto, a região intermediária entre as ordens empíricas, com que cada homem de uma cultura terá que lidar, e as teorias científicas ou as interpretações dos filósofos. Essa região fundamental, porém confusa e obscura, Foucault denomina de campo epistemológico, ou *epistémê*. E a sua análise, mais do que uma história no sentido tradicional da palavra, constitui uma “arqueologia”.

O trabalho arqueológico que Foucault realiza em “As palavras e as coisas” mostra duas grandes discontinuidades na *epistémê* da cultura ocidental. A primeira se dá em meados do século XVII, ou seja, entre o fim do Renascimento e o início da idade clássica. E a segunda ocorre no início do século XIX, demarcando assim a nossa modernidade.

A pergunta que gostaríamos de levantar aqui é: como Foucault descobre essas rupturas? Como pode determiná-las, já que elas não pertencem nem à ordem empírica e nem à esfera do conhecimento? Em outras palavras, como trabalha a arqueologia?

Sabemos que não se trata aqui de metafísica. A noção de *epistémê* não é o resultado de uma série de raciocínios abstratos, e não está restrita ao domínio da especulação e do pensamento.

Por outro lado, a grande quantidade de documentos minuciosamente analisados por Foucault poderia sugerir a ideia de que são eles, então, o ponto de partida para as suas descobertas. Entretanto, essa explicação também não se sustenta. Pois o próprio Foucault afirma que a análise daqueles documentos costuma gerar a impressão de que houve um movimento quase ininterrupto da razão europeia, desde o Renascimento até os nossos dias. Ou seja, não há nada neles que aponte imediatamente para as rupturas do solo epistemológico. Deste modo, a pergunta pela forma como trabalha a arqueologia permanece em suspenso.

Podemos, então, supor que ela seja um método bastante especial, e que não se restrinja a um ponto de partida pré-determinado. Ou ainda: talvez a arqueologia tenha muitos pontos de partida – diferentes entre si e imprevisíveis.

Para dar continuidade a esta hipótese, gostaríamos de fazer uma aproximação entre o método arqueológico de Foucault e o método materialista de Walter Benjamin.

Em um fragmento de sua obra “Rua de mão única”, Benjamin faz o retrato do que ele chama de uma criança desordeira. Se analisarmos a experiência dessa criança, perceberemos que ela pode ser muito próxima do movimento da arqueologia.

⁴ Idem, p. XVI.

“CRIANÇA DESORDEIRA. Cada pedra que encontra, cada flor colhida e cada borboleta capturada já é para ela o princípio de uma coleção, e tudo o que possui, em geral, constitui para ela uma coleção única. Nela essa paixão mostra sua verdadeira face, o rigoroso olhar índio, que, nos pesquisadores, bibliômanos, antiquários só continua ainda a arder turvado e maníaco. Mal entra na vida, ela é caçador. Caça os espíritos cujo rastro fareja nas coisas; entre espíritos e coisas gasta anos, nos quais seu campo de visão permanece livre de seres humanos. Para ela tudo se passa como em sonhos: ela não conhece nada de permanente; tudo lhe acontece, pensa ela, vai-lhe de encontro, atropela-a. Seus anos de nômade são horas na floresta do sonho. De lá, arrasta sua presa para a casa, para limpá-la, fixá-la, desenfeitiçá-la. Suas gavetas têm de tornar-se casa de armas e zoológico, museu criminal e cripta. ‘Arrumar’ significaria aniquilar uma construção cheia de castanhas espinhosas que são armas medievais, papéis de estanho que são um tesouro de prata, cubos de madeira que são ataúdes, cactos que são tótems e tostões de cobre que são escudos. No armário de ‘roupas de casa’ da mãe, na biblioteca do pai, ali a criança já ajuda há muito tempo, quando no próprio distrito ainda é sempre o anfitrião inconstante, aguerrido.”⁵

Muitas ideias da filosofia benjaminiana estão presentes nesse fragmento. Entretanto, ressaltaremos aqui apenas aquelas que contribuirão mais diretamente para o nosso tema.

Inicialmente, notamos que, tal como talvez suceda com a arqueologia, a coleção da criança possui muitos pontos de partida, pois “cada pedra que encontra, cada flor colhida e cada borboleta capturada já é para ela o princípio de uma coleção”. No entanto, o que é mais curioso, é que todos esses objetos fazem parte de uma *única coleção*. Mas como? Uma flor, uma pedrinha e uma borboleta formam uma coleção de quê? Aqui, estamos diante de uma situação que se assemelha àquela da enciclopédia chinesa.

Por sua diversidade, os objetos colecionados pela criança não podem ser agrupados sob um único gênero de coisas ou conceito. Além disso, mesmo que se conseguisse fixar um gênero para os objetos já colecionados, ele estaria sempre ameaçado pela surpresa de cada nova aquisição feita pela criança. Então, também aqui, é própria possibilidade de estabelecer um gênero que se acha minada de antemão.

Isso se dá porque, segundo Benjamin, a criança quando brinca está encerrada no mundo da matéria. Com seu faro de caçador, ela percebe um tesouro de prata em papéis de estanho e armas medievais em um punhado de castanhas espinhosas. Nessa situação, os

⁵ Benjamin, Walter. “Rua de Mão Única”. In: Obras Escolhidas vol. II. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 39.

limites que os conceitos impõem às coisas se acham suspensos e algo de novo e insuspeito pode vir à frente.

A explosão dos conceitos é uma etapa fundamental do trabalho do investigador materialista. Pois são eles que regem o mundo empírico. Os conceitos coagem as coisas a existirem confinadas dentro dos limites por eles estabelecidos, e as coisas subordinam-se aos conceitos, de modo a nunca alterarem essa existência monotonamente espelhada.

Quebrado o pacto, coisas e conceitos se fragmentam ao infinito, e uma multiplicidade de elementos materiais pode vir à tona. Para sobreviverem, esses elementos não podem subordinar-se novamente a conceitos. A forma capaz de salvá-los é a Ideia.

Em um texto que ficou conhecido como “Prefácio de crítica do conhecimento”, Benjamin parte de uma leitura bastante singular da ideia platônica, para construir sua própria concepção do que sejam as ideias. Segundo ele: “as ideias se relacionam com as coisas como as constelações com as estrelas. O que quer dizer, antes de mais nada, que as ideias não são nem os conceitos dessas coisas, nem as suas leis. Elas não servem para o conhecimento dos fenômenos, e estes não podem, de nenhum modo, servir como critérios para a existência das ideias”⁶.

Vale notar aqui uma primeira, embora ainda vaga, conexão entre as ideias, tal como concebidas por Benjamin, e o solo arqueológico de Foucault. As ideias não são conceitos, mas também não são fenômenos. O solo epistemológico, por sua vez, não pertence à ordem dos conhecimentos e tampouco à ordem empírica. Tanto as ideias quanto o solo arqueológico dizem respeito a uma região mais fundamental da experiência humana.

Dissemos que as ideias são a forma pela qual os elementos materiais podem vir à tona. Mas como se rompe o pacto entre coisas e conceitos? E como são libertados os elementos materiais? Em suma: como são dadas as ideias?

Para respondermos a essas perguntas será preciso acompanhar novamente uma criança, quando ela põe em ação o seu faro de caçador. Para Benjamin, isso se dá com intensidade maior em um momento de perigo. Pois os sentidos da criança ficam aguçados, e ela mergulha ainda mais fundo no mundo da matéria. É o que acontece quando brinca de esconder. Investiguemos então outro fragmento de “Rua de mão única”, intitulado “Criança escondida”:

“Ela já conhece na casa todos os esconderijos e retorna para dentro deles como quem volta para uma casa onde se está seguro de encontrar tudo como antigamente. Bate-lhe o

⁶ Benjamin, Walter. *A Origem do Drama Barroco Alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 56-57.

coração, ela segura a respiração. Aqui ela está encerrada no mundo da matéria. Ele se torna descomunalmente claro para ela, chega-lhe perto sem fala. Assim somente alguém que é enforcado toma consciência do que são corda e madeira. A criança que está atrás da cortina torna-se ela mesma algo ondulante e branco, um fantasma. A mesa de refeições sob a qual se acorrou a faz tornar-se ídolo de madeira do templo onde as pernas entalhadas são as quatro colunas. E atrás de uma porta ela própria é porta, está revestida dela como de pesada máscara e, como mago-sacerdote, enfeitiçará todos os que entrarem sem pressentir nada. A nenhum preço ela pode ser achada. Quando faz caretas, dizem-lhe que basta o relógio bater e ela terá de permanecer assim. O que há de verdadeiro nisso ela sabe no esconderijo. Quem a descobre pode fazê-la enrijecer como ídolo debaixo da mesa, entretecê-la para sempre como fantasma no pano da cortina, encantá-la pela vida inteira dentro da porta. Por isso, ela expulsa com um grito alto o demônio que a transformaria assim, quando a encontra aquele que a procurava – aliás, nem espera esse momento, antecipa-o com um grito de auto-libertação. Por isso ela não se cansa do combate com o demônio. A casa, para isso, é o arsenal das máscaras. Contudo, uma vez por ano, em lugares secretos, em suas órbitas oculares vazias, em sua boca rígida, há presentes. A experiência mágica torna-se ciência. A criança, como seu engenheiro, desenfeitiça a sombria casa paterna e procura ovos de Páscoa.”⁷

Vemos nesse texto que, diante do risco de ser encontrada, a criança prende a respiração e seu coração bate mais rápido. Escondida atrás da cortina, ainda sustenta a tensão por alguns instantes, mas, na iminência do perigo, involuntariamente torna-se ela mesma algo ondulante e branco, um fantasma. Mas se está debaixo da mesa, seu corpo irresistivelmente assume a forma esculpida de um ídolo de madeira. E atrás de uma porta, antes que possa escolher, ela própria é porta, está revestida dela como de pesada máscara.

Assim, dois novos aspectos entraram em jogo. Primeiro, a criança agora experimenta a materialidade em seu próprio corpo. Além disso, esse processo é totalmente involuntário – tal qual um coração que se acelera. Ou, tal qual uma risada. Com isso, nos reaproximamos de Foucault e daquilo que despertou nele seu faro de arqueólogo. Trata-se do riso diante da enciclopédia chinesa citada por Borges. Pois, evidentemente, Foucault não escolheu rir, simplesmente riu. Ou melhor, o riso involuntariamente tomou o seu corpo.

Com isso, gostaríamos de indicar que o mundo da matéria com que se ocupa a criança, assim como o solo arqueológico de Foucault, possui entradas bastante sutis e bastante imprevisíveis. Numa palavra: entradas involuntárias.

⁷ Benjamin, Walter. “Rua de Mão Única”. In: Obras Escolhidas vol. II. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 39.

Benjamin deixa isso claro no “Prefácio de crítica do conhecimento”, quando afirma que a verdade, no sentido de verdade material, é a morte da intenção.

“A verdade não entra nunca em nenhuma relação, e muito menos em uma relação intencional. O objeto do conhecimento, enquanto determinado pela intencionalidade do conceito, não é a verdade. A verdade é uma essência não intencional, formada por ideias. O procedimento próprio à verdade não é portanto uma intenção voltada para o conhecimento, mas uma absorção total nela, e uma dissolução. A verdade é a morte da intenção”⁸.

Podemos agora tentar responder a pergunta sobre de que modo as ideias são dadas. Enquanto forma material da verdade, as ideias irrompem na falha de uma intenção. É bem possível que Foucault, ao abrir o livro de Borges, tivesse como intenção o prazer da leitura. Mas eis que ela falha, e eis que Foucault é tomado por um riso, não exatamente de prazer, como ele próprio conta: “Esse texto de Borges fez-me rir durante muito tempo, não sem um mal-estar evidente e difícil de vencer. Talvez porque no seu rastro nascia a suspeita de que há desordem maior do que aquela do incongruente e da aproximação do que não convém; seria a desordem que faz cintilar os fragmentos de um grande número de ordens possíveis na dimensão, sem lei nem geometria, do *heteróclito* (...)”⁹.

O percurso que aqui desenvolvemos está chegando ao fim, é preciso concluir. Acompanhamos um pouco do trabalho da arqueologia e, no entanto, é impossível deixar-lhe qualquer prescrição, já que ela paradoxalmente persegue o que é involuntário.

Assim sendo, o que nos resta?

Resta-nos a labuta diária com as palavras e as coisas, e a luta incansável contra o poder dos conceitos. Pois é precisamente aí que, vez por outra, se abre uma brecha para o mundo das Ideias, desordem na qual cintilam os fragmentos de todas as ordens.

⁸ Benjamin, Walter. *A Origem do Drama Barroco Alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 58.

⁹ Foucault, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. XII.

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. *A origem do drama barroco alemão*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

_____. “Rua de mão única”. In: *Obras escolhidas*. Vol. II. Trad. Rubens R. Torres Filho e José C. Martins Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002.